

O caminhar e a transformação das religiões através dos tempos

The walk and the transformation of religion through the ages

Wanderson Salvador Francisco de Andrade Campos

RESUMO

Este artigo procura trazer aos olhos as transformações que as religiões e o território religioso no Brasil vêm passando no decorrer do tempo. Para isso iremos olhar três fases por onde a religião passou no decorrer da história. De forma bem simples e breve iremos olhar para o passado para enxergar quais foram os efeitos e consequências do processo conhecido como modernidade e secularização, a fim de compreendermos quais as situações pelas quais a religião passou. Com o auxílio do referencial teórico do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão direcionaremos nossos olhares para o presente, para podermos perceber as mudanças e transformações que a religião em nosso país vem passando com o tempo e, por fim, iremos olhar para o futuro numa tentativa de tentar intuir o que está vindo diante de nós. Nesse sentido estudaremos as diferentes religiões no Brasil, sua relação, confrontos e aproximações.

Palavras-chave: modernidade – secularização – símbolos – religião.

ABSTRACT

This article seeks to bring to light transformations that religions and religious territory in Brazil have undergone over time. For this I will examine three stages through which religion has passed throughout history. I will briefly look back to see the effects and consequences of the process known as modernity and secularization, in order to understand the si-

tuations through which religion has undergone. With the help of Carlos Rodrigues Brandão, I will analyze the present, in order to understand the transformations that religion in our country has been through over time, and finally, I will look at the future in attempt to discover what is to come. In this sense, I will study the different religions in Brazil, their interrelations, similarities and conflicts.

Keywords: modernity - secularization - symbols - religion.

INTRODUÇÃO

Não é fácil determinar o que é a religião. No decorrer da história, a sociedade manteve seus olhos direcionados para ela e vimos diversos momentos que as religiões mudaram sua “cara”. Ela já foi o centro da vida social, mas também já deixou de ser. Já disseram que ela gera alienação afirmando que ela seria *o ópio do povo*, mas também ela já foi considerada uma junção de símbolos que nos liga ao sagrado ou ao inefável e tudo isso, em momentos e realidades diferentes.

Sendo assim a pergunta “o que é religião?” precisa dar lugar em nossa reflexão para a seguinte pergunta “o que é a religião no momento em que vivemos?” Para tentarmos chegar a uma resposta precisamos direcionar nossos olhos na direção da religião. Nossa reflexão olha para o passado e para o presente da religião e tenta, numa atitude visionária, olhar a realidade que vem se construindo dentro do território religiosos brasileiro.

É preciso reconhecer que a religião ainda faz parte da vida do povo e ela, talvez, nunca deixe de fazer. Ela ainda decide como se vestir, com que tipo de pessoa se pode criar um relacionamento, influencia na sua sexualidade e também na alimentação. A vida do povo está ligada a religião e por isso a necessidade de entendermos o que ela é ou qual o momento que ela está passando dentro da nossa sociedade.

Vendo o passado: A religião, o processo da modernidade e a crise de sentido do indivíduo.

A modernidade e o processo de secularização, que é fruto da primeira, são os pontos iniciais e causadores do desencantamento religioso em nossa sociedade. Fatos importantes aconteceram com o surgimento desses movimentos: (i) a saída da religião como centro da sociedade e dessa forma, a sociedade parou de reger-se de pelos parâmetros religiosos, mas através de uma nova visão de mundo que

não aceite absolutos; (ii) a perda do controle territorial ou de propriedades por parte das autoridades religiosas e outras áreas que tinha participação e influência religiosa como, a arte, a filosofia, literatura e, sobretudo na ascensão da ciência, com uma perspectiva autônoma e inteiramente secular; (iii) retorno ao ser humano. Esses fatores, como dissemos, contribuíram para o desencantamento religioso e o início de uma sociedade moderna e secularizada. Apesar da modernidade que ocorreu no Brasil e na América Latina ter suas particularidades e resultados que a diferencia do ocorrido nas sociedades europeias e norte-americanas, o ponto de desencantamento com a religião é algo que ganhou um espaço muito forte.

Contudo, apesar dessa saída do centro da sociedade e desencantamento a religião, mesmo de forma diferente continua presente e ativa na vida social do povo. Isso é possível, pois mesmo que uma sociedade fosse por completa rendida aos termos do processo mordenizador ou secular, nenhum dos dois teria a capacidade de alcançar todos os domínios da vida social desse povo, porque uma sociedade em contraste moderno é cheia de contradições e isso torna difícil, para não dizer impossível, todo julgamento simplista e apressado a seu respeito. (BINGEMER, 1993, p. 27-28). Mesmo com esse enfraquecimento a religião não perdeu sua principal característica, ela ainda consegue ligar o ser humano ao sagrado e isso a permite exercer influência na vida humana.

Contudo, isso nos leva a perguntar: “Como os indivíduos de uma sociedade que experimentou ou experimenta os efeitos da modernidade e da secularização ainda se rendem a influência religiosa?” Acreditamos que a resposta é apenas uma. O ser humano tem a necessidade de ter contato com o sagrado e ele se deixa influenciar pelos parâmetros da religião por isso, pois ela é aquela que faz essa ligação. Utilizando os símbolos à religião adquire a capacidade de trazer sentido à vida e ligá-la ao sagrado. Através da união do amor, do desejo, da imaginação e do trabalho das mãos, os símbolos proporcionam ao ser humano uma razão para criar um mundo que faça sentido (ALVES, 2008, p. 22-23) e aí a religião demonstra sua força, pois ela é uma junção de símbolos.

Por se apresentar como essa junção, ela une todos os fatores relatados à cima, junto com os costumes morais e dessa maneira, proporciona ao indivíduo a força para buscar a criação desse mundo,

sacralizar ou transubstanciar a natureza (ALVES, 2008, p. 23), e através desses símbolos, o indivíduo vence os medos e supera as aflições. Assim, ele vive, acredita, luta, morre e em alguns casos ressurge através dos ideais proporcionados pelo sistema simbólico de sua religião. Porém os símbolos não se constroem sozinhos, o ser humano os cria para dar sentido à vida, o ligar ao sagrado e os segue, porém como o processo moderno enfraqueceu a ideia de absolutos, isso proporcionou a oportunidade de pensar de forma livre o que seria: o perfeito, o sagrado, o mundo ideal que dá real sentido à existência do ser humano. Dessa forma, diversos símbolos, religiões e interpretações se manifestaram. Segundo Alves:

A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. “O mundo dos felizes é diferente do mundo dos infelizes” (Wittgenstein). Assim (...) há aqueles que fizeram amizade com a natureza e reconheceram que dela receberam vida. Eles envolvem então, como diáfano véu do invisível, os ventos e as nuvens, os rios e as estrelas, os animais e as plantas, lugares sacramentais. E, por isso mesmo, pedem perdão aos animais que vão ser mortos, aos galhos que serão quebrados, a mãe terra que é escavada, e protegem as fontes de seus excrementos. (...) há também os companheiros da força e da vitória, que abençoam as espadas, as correntes, os exércitos e o seu próprio riso. (...) há os sofredores que transformam os gemidos dos oprimidos em salmos, as espadas em arados, as lanças em podadeiras e constroem, simbolicamente, as utopias da paz e da justiça eterna, em que o lobo vive com o cordeiro e a criança brinca com a serpente. (ALVES, 2008, p. 29)

A religião além do seu caráter “transubstanciador”, também se expressa como um conjunto rico em conteúdo sistematicamente estruturado de experiências e valores que ela transmite e ensina como o indivíduo deve viver e se portar para ir ao encontro do transcendente que tanto lhe satisfaz. Apesar de que na atualidade, muitos desses valores vêm sendo questionados e não exercerem o mesmo poder de dominação sobre o indivíduo é preciso reconhecer que estes mesmos valores ensinam a alguém como se portar diante do outro, isto é, pessoas e grupos que sejam diferentes dele em seu projeto de vida. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 40).

O processo moderno sendo refém do capitalismo “*trouxe consigo o crescimento econômico que vem associado normalmente a uma relativa*

estabilidade política” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 46) e a globalização econômica que devido ao interesse da circulação maior dos bens e na busca maior de mercados serviu para intensificar a aproximação aos diferentes povos e diferentes sistemas de crenças. Como consequência, os símbolos religiosos começaram a se tornar “plurais” e perderem a característica de pertencer somente a uma determinada religião, isso fez com que o convite ao conhecimento de verdades que satisfaçam o indivíduo se intensificasse, só que diante disso cada religião ainda se apresenta como aquela que nos religa ao sagrado, ao sobrenatural, mas essa aproximação, essa facilidade de circulação, essa liberdade para conhecer diferentes interpretações religiosas, leva o indivíduo, mesmo que de forma inconsciente, a criar uma compreensão particular da religião vivendo-a de uma forma diferente da que ela realmente é. (BRANDÃO, 2005, p. 13)

Entendemos que mesmo em nossa sociedade o indivíduo busca viver corretamente essa religião, o ser humano se submete e se rende aos desejos que ela possui e apesar de não a enxergar como verdade absoluta e não mais sentir-se preso a ela, o(a) atual religioso(a) ainda permanece fiel a algum segmento. Nas palavras de Brandão:

Por mais do que tudo que podemos saber sobre todas as coisas da vida, ao transformarmos os valores da vida e suas sensibilidades em gestos de trocas e com Outro, a religião, mais e melhor do que qualquer outro sistema de saberes de valores, deve nos atribuir para sempre e a todo o momento o conjunto ordenado e compreensível de palavras e de feixes de significados, a nosso ver não apenas coerentes, mas também capazes de atribuir sentido a todas as outras dimensões da experiência da vida. (BRANDÃO, 2005, p. 14)

Nesse contexto moderno globalizado, onde não existem verdades absolutas, onde tudo é relativo e nada pode ser tomado como *cem por cento* certo, a religião se apresenta como um refúgio para o coração humano que procura seu real propósito e sentido de existência. Assim, o indivíduo se rende e se prostra diante dos desejos dos deuses criados e santificados pelos símbolos religiosos, e busca, através das suas práticas, o pleno desejo de ser correto(a) e certa sua atitude. Por esse viés conseguimos perceber a capacidade que a religião tem de ditar os caminhos a serem seguidos. Quando o indivíduo encontra um local para

repousar seu coração desesperado pelo sentido de existência, ele se submete e, em muitos casos, deixa de ter sua capacidade crítica sobre o que realmente é certo e errado. Isso se dá porque com a religião nós esperamos vivenciar e encontrar, de forma solitária ou comunitária, uma resposta do sagrado, para que sejam reais as crenças nas quais desejamos depositar o nosso coração. A religião tem o poder de tornar as atitudes sagradas ou profanas, a religião sacraliza as palavras, sejam elas suas ou não, nem que sejam palavras simples como “o pão e o vinho”. (BRANDÃO, 2005, p. 15).

VENDO O PRESENTE: A REALIDADE PLURAL DO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO¹

O nosso país é marcado por um leque de experiências religiosas. A primeira religião presente foi a dos povos e nações indígenas que teve contato com outra tradição, ou outro Deus, através dos missionários europeus e norte-americanos no processo de colonização. Apesar de muitos anos tentando catequizar e convencer os nativos, muitas culturas indígenas ainda preservam suas religiões e algumas apresentam um aspecto messiânico, por exemplo, os guaranis.

Com os negros que vieram escravos, nós fomos apresentados às tradições e culturas, já mescladas, dos cultos tribais que foram perseguidos durante muito tempo, e isso foi até a pouco, mas elas também conseguiram sobreviver e afirmar-se por todo o país. Isso aconteceu porque essa cultura conseguiu se difundir por várias camadas sociais. No Brasil, o exemplo mais conhecido dessa tradição é o candomblé, apesar de existirem outros, como por exemplo, a casa de minas, do maranhão, o xangô do nordeste e como uma derivação posterior, já inventada no Brasil mais ou menos a partir dos anos 1920, a umbanda. Que hoje aparece com um quadro de féis declarados de 407.331.

Essas tradições religiosas apresentam como ponto comum, com base em seus mitos e teologias, acreditarem que a possessão é o me-

¹ Os dados referente ao quadro religioso Brasileiro foram adquiridos nos seguintes sites: <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/> http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1 <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512819-o-campo-religioso-brasileiro-na-ciranda-dos-dados>

lhor meio pelo qual a divindade (os espíritos mortos ou outros tipos de seres) entra em contato com o ser humano, levando-o assim a ter atitudes peculiares, sejam elas em cerimônias e rituais, ou fora deles.

O espiritismo kardecista que chegou ao país bem depois das religiões de matriz africana, entre o fim do século XIX e início do XX, apresenta o mesmo sistema de crença. Esse segmento veio da Europa em meados do séc. XIX por Alan Kardec, em uma assumida comunicação com espíritos superiores e ganhou muito espaço no território brasileiro. Hoje ele ocupa o 7º lugar dentro do censo religioso do país com 3.848,876 adeptos. De acordo com o IBGE, apresentado no censo de 2010, essa religião se apresenta como uma importância significativa diante das outras religiões no nível de instrução. Ela possui a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e as menores percentagens de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15,0%) e apenas 1,4% não são alfabetizados.

Este espiritismo denominado o “da mesa branca” difere-se da umbanda, que é o “de terreiro”, em muitos de seus segmentos. Este procura distanciar-se de todas as religiões de tradição afro e das que utilizam a possessão de espíritos. *O espiritismo kardecista, a umbanda e o candomblé são as três religiões mediúnicas e de possessão mais difundidas e melhor conhecidas no Brasil.* (BRANDÃO, 2005, p. 28).

Em entrevista a IHU (Instituto Humanitas Unisinos) Faustino Teixeira ressaltou a constante queda do número de fiéis de confissão católica: “Se observarmos os dados dos últimos censos, a tendência da diminuição da declaração de crença católica é nítida: 1970 (91,1%), 1980 (89,2%), 1991 (83,3%), 2000 (73,6%) e 2010 (64,6%). Apesar dessa diminuição nós podemos concordar com Brandão quando ele afirma que o catolicismo e sua igreja católica são considerados o sistema religioso majoritário e culturalmente hegemônicos.

Convivemos com vários estilos de ser católico, que são movidos pela cultura. Mesmo dentro do estilo mais canônico do catolicismo existe uma diferente forma de interação com as doutrinas, gestos e ritos. Podemos interpretar que existe uma forte presença de *espiritualidades*. Contudo mesmo com essas diferentes formas de viver a religião católica, os fiéis ainda se sentem, e se reconhecem, como que subordinados a

autoridade da igreja oficial e sempre reconhecendo que alguns rituais só podem ser executados e ofertados pelos sacerdotes.

Certa feita, um teólogo de confissão evangélica em uma de nossas reuniões disse que o catolicismo fazia gerar e preservar a sua diversidade não se dividindo, enquanto o protestantismo garantia sua unidade dividindo-se. (BRANDÃO, 2005, p. 31) Uma única cisão a que nos foi dado o conhecimento, ocorreu no começo do século, essa deu origem a Igreja Católica Brasileira, cuja presença em nosso território religioso é quase que invisível com aproximadamente 560.781 fiéis.

De forma bem contrária a da Igreja Católica que prioriza sua unidade, talvez num intuito de poder ter mais domínio sobre o campo religioso, o protestantismo tem uma marca muito forte de divisão no país. Isso se torna muito perceptível quando analisamos os momentos pelos quais o movimento protestante passou desde que chegou ao nosso país.

As primeiras igrejas protestantes foram chegando em diferentes momentos no Brasil através de seus processos missionários. Processos missionários estes que, de forma muito desigual, ajudaram no processo de estabelecimento. Por apresentarem tantas diferenças no decorrer de seu trajeto de instalação em nosso país, essas igrejas convivem num clima de superação, onde todas procuram se afirmar em seu contexto.

Os primeiros membros dessa frota são lembrados como os protestantes de imigração, que vieram com os europeus do norte por volta do final do século XX. Desse grupo os mais conhecidos são os Luteranos e os Episcopais e logo após surgiram às igrejas que são identificadas como protestantes de missão que apresentam grandes diferenças.

Os primeiros grupos se concentraram mais ao sul do país. Sua principal preocupação não era conversão de pessoas fora dos seus grupos étnicos (alemães, ingleses, seus descendentes e outros). Diferentemente dos primeiros evangélicos de missão que vieram dos Estados Unidos e da Europa que procuraram estabelecer uma religião altamente proselitista, e que era dirigida a um trabalho de conversão em nosso país, considerado uma terra de missão. Entre estes estão os presbiterianos, os congregacionais e os metodistas.

O protestantismo pentecostal, que vem do chamado protestantismo de conversão, surge junto com os outros movimentos de conversão de um conjunto de cisões que vinham acontecendo nos Estados Unidos.

Chegaram aqui por volta de 1910, com alguns missionários no intuito de criar a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. O movimento começou com um número quase insignificante de templos, apenas dois, diante de 1100 das denominações que tinham chegado anteriormente. Tal crescimento ocorreu num curto período de tempo, na década de 70 eles já tinham chegado a 1100 templos contra 1400 das outras denominações. No ano de 1999 era perceptível, como diz Carlos Rodrigues Brandão que “já havia muito mais templos, mais tipos de igreja, mais agentes religiosos e mais fiéis convertidos entre os pentecostais do que em todas as igrejas antecedentes do protestantismo no Brasil”. (BRANDÃO, 2005, p. 33)

Existe uma aproximação entre as religiões que se apresentam com um sistema de possessão, e o movimento pentecostal se encaixa nisso. Elas têm como característica principal o fenômeno do êxtase religioso. De certa forma não seria errado pensar o movimento pentecostal como os sistemas religiosos de possessão, embora qualquer tentativa de aproximação gere entre seus dirigentes algo entre estranheza e fúria.

Apesar de não aceitar essa aproximação, os cultos pentecostais são todos trabalhados dentro da dinâmica de levar o povo ao êxtase. Ao utilizar de técnicas que movimentam o corpo, a utilização de gestos repetidos, muitos cânticos ritmados e orações de intensidade que vão crescendo, podem levar as pessoas presentes no culto a um êxtase coletivo, apesar de que o grau de alteração de consciência no momento de êxtase variar de indivíduo para indivíduo. Esse aspecto do protestantismo² se espalhou de forma rápida, grandiosa e eficiente dentro do campo religioso brasileiro e latino americano.

A população evangélica cresceu dentro do território brasileiro. Ela passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010 e dentro dessa realidade numérica 60,0% são de origem pentecostal. O movimento pentecostal tem muita força dentro do território brasileiro, principalmente no meio do povo pobre e de periferia.

Contudo, apesar dessa semelhança, o movimento pentecostal não demonstra muito interesse em abrir um diálogo para essa realidade.

² É necessário destacar que por ser um movimento tão poderoso dentro do nosso país e ter uma teologia que não se assemelha em muitos pontos com as tradicionais do movimento protestante, muitos estudiosos afirmam que o movimento pentecostal não se encaixa mais no grupo protestante.

Os estilos de tradição religiosa que estão associados à cultura-afro ou de suposta origem indígena junto com o kardecista, muito mais do que a umbanda, todos estes estão fora, não fazem parte do seu universo religioso. Estas são tratadas como as “falsas religiões”.

De forma semelhante ao catolicismo atual o pentecostalismo se demonstra como um segmento religioso difícil de estabelecer normas de análise, pois para o universo pentecostal o catolicismo é um cristianismo desviado de sua verdadeira essência. Nas últimas duas décadas no Brasil e na América Latina ele tomou uma forma aglomerada e variada, apresentando um cenário variado e multiforme, com um grande número de igrejas sendo criadas e recriadas, quase sempre mediante cismas de pequena escala e esse processo de criação gerou uma vertente que tem ganhado muito espaço no nosso território religioso.

O Neo-Pentecostalismo surgiu de uma forma muito poderosa e com uma capacidade de conversão em massa nunca vista antes. Esse segmento teve seu início com a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), mas na nossa atualidade ele não se limita somente a ela.

Este novo modelo pentecostal adota o padrão de expansão digno das mais modernas empresas de oferta de serviços profanos. Ao indivíduo é proposto

(...) um tipo de pregação salvacionista que separa ao sujeito “entregue e salvo” de um mundo de ambição satânica, regido pelas leis e misérias da economia de mercado e pela ética perversa de tudo que está para além dos limites do pentecostalismo. (BRANDÃO, 2005, p. 36).

Contudo esse segmento religioso é muito criticado pelas igrejas pentecostais de mais tradição. Porém não podemos negar que o neo-pentecostalismo tem obtido mais sucesso ao ganhar mais pessoas para o universo crente, e ao conseguir fazer com que elas se dediquem ao serviço da igreja, em especial o financeiro.

Existem também as novas tradições religiosas que, quase todas, tiveram seu surgimento entre o Centro-Oeste do País, em especial Brasília e Amazônia. Elas são: o Santo Daime, União Vegetal, Vale do Amanhecer e Fraternidade Eclética Espiritualista Universal. O Santo Daime aparece com a chegada de um seringueiro no Nordeste que

difundiu a ideia de um estilo de vida religiosa nunca vista antes, com marca fundamental durante os cultos a ingestão da Ayuasca³.

Depois de um tempo surgiram formas variantes que se difundiram pela região da Amazônia e pelo centro do Brasil, estes eventos como nos diz Brandão:

São casos, não raros, no cenário da vida espiritualista brasileira em que uma neotradição de vida religiosa surgida no campo ou na floresta e criada pela iniciativa de agentes francamente populares, ou de pequena classe média (como é o exemplo da Fraternidade Espiritualista e da Vale do Amanhecer), migra para a cidade e conquista adeptos de vocação cultural bastante mais erudita, não raro universitária. (BRANDÃO 2005h: 37)

Apesar disso, essas religiões ainda ocupam um espaço muito simples e distinto dentro do quadro religioso do nosso país, com 61.739 fiéis.

Devemos direcionar nossos olhos também para as religiões de tradição urbana, que foram todas trazidas de fora do país há alguns anos, mais ou menos recentes. Elas são consideradas, tanto por seus adeptos, como pelas outras pessoas, como “religiões orientais”. As pessoas que as compõem, sejam agentes ou seguidores, são pessoas de classe média, na grande maioria, jovens, adultos urbanos e de grandes cidades.

Elas vieram, em sua maioria, de países do Oriente. No começo conseguiam colocar nos bancos de seus templos uma maioria de adeptos entre orientais, coreanos e japoneses. Nesses se enquadram as religiões como Seicho-No-Ie, Perfect Liberty e Igreja Messiânica. Segundo Brandão as congregações de segmento religioso oriental tem suas congregações de fé, aumentadas, nas cidades grandes devido a um convercionismo moderado, principalmente nas regiões do Sudeste e Sul do Brasil.

Existem outras religiões de vocação espiritual de tipo oriental que também compõem o nosso território religioso, como a *Fé Babaí*, a *Hare Krishna*, o *sufismo*, a *Ananda Marga* e a *Brahma Kumaris*. (BRANDÃO, 2005, p. 38) Apesar de serem consideradas da mesma tradição

³ Segundo Wladimir Sena Araújo citado na obra *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos* do Prof. Antônio Gouvêa Mendonça a ayusca seria o resultado da junção de um cipó chamado jagube com uma folha chamada chacrona, que como resultado, se tem uma bebida cerimonial, veículo de revelação místico-religiosa.

elas ainda tem suas particularidades que as determinam de formas separadas, por exemplo, o desejo da Hare Krishna de terem entre seus adeptos um número maior de jovens, não raro universitários.

Entretanto, conforme nos mostram os dados divulgados da religião em nosso país essas religiões orientais ainda não ganharam um espaço grande dentro do campo religioso. Elas têm uma pequena parcela de adeptos de nossa população brasileira, apenas 9.675 fiéis.

O que tentamos traçar aqui foi o quadro religioso de nosso país, reconhecemos que ele é imperfeito, impreciso e sempre aberto às mudanças e surpresas. Contudo, devemos neste momento considerá-lo aceitável para que possamos entender a realidade religiosa da qual fazemos parte.

O momento pelo qual temos passado no Brasil e na América Latina nos faz perceber que as religiões que são tidas como tradicionais se diferenciam bastante no interior de suas ortodoxias, elas têm tornado mais acelerado uma prática que vinha acontecendo desde o começo do presente século. Desde os últimos sessenta anos as religiões de peso mundial (tomamos como exemplo o catolicismo) se deixaram ser penetradas por visões e versões vizinhas diferentes e mesmo opostas a uma ortodoxia tradicional. Essas novas visões apresentam novos significados de crença e novas sensibilidades da fé e isso afeta o próprio sentido de sagrado, ou seja, a ideia da relação entre pessoas e seres celestiais e em especial, a respeito da gramática espiritual e práticas das regras de adesão e das opções de destino pessoal, com sentidos éticos, sociais ou políticos.

VENDO UMA NOVA REALIDADE

Uma tendência tem crescido, onde as pessoas reconhecem o valor e o potencial presente em cada religião e assim decidem, segundo as suas necessidades, se vincularem a duas ou três religiões, ou em alguns casos não se vinculam a nenhuma. *Cada pessoa, potencialmente senhora de seu próprio destino religioso, transita, de um a outro, entre diferentes sistemas de sentidos.* (BRANDÃO 2005j: 50) Ela pode fazer isso em nome da avaliação individual sobre cada momento da vida pelo qual ele passa em confronto com as alternativas de sua realização

subjetiva que é resultado do trabalho gerado que ela acredita estar produzindo, graças à frequência a uma religião, de uma mística ou de uma espiritualidade. Isso tem a ver com o processo de individualização, que apesar da demora, chegou à América Latina. Ele gera uma dúvida de crença que o sujeito tem para as instituições, que começam na vida e na família e em alguns casos, pode terminar na sua pátria. Porém, esse processo, apesar de apresentar fortes características individualizantes, em grande parte dos casos onde a adesão a alguma religião aparece, são encontradas também a partilha, reciprocidade de sentidos, de destinos e compromissos.

Brandão relaciona uma pesquisa onde é constatado que a umbanda e o pentecostalismo apresentam características que despertam uma forte atração em pessoas da mesma classe social, mesma extração de cultura e origem regional semelhante, e essas características para adesão religiosa são percebidas quando olhamos para as “classes trabalhadoras” do nosso país, onde as opções pela vida religiosa são poucas. As pessoas que compõem essas classes mais pobres permanecem católicas ou se convertem a confissão evangélica (na maioria dos casos de tradição pentecostal) ou se mantêm em alguma religião de possessão (mais afro-brasileiras do que o espiritismo kardecista) ou, por fim, têm a opção de transitar entre confissões e igrejas, dessa forma, mantendo forte um agnosticismo confessional.

Por outro lado, as pessoas da classe média têm diante de si um leque de opções visivelmente aberto, fora as já mencionadas, surgem também as que são bem heterodoxas (contrárias aos princípios de uma religião), do ponto de vista das tradições familiares de origem e toda uma gama de criações pessoais ou neogrupoais de vocação religiosa.

Com as mudanças sofridas e causadas pelo nosso cenário religioso, duas características podem ser percebidas em nossa sociedade. A primeira delas é uma abertura crescente em direção ao individualismo, aos direitos das pessoas de opção e compromissos fundamentais, como por exemplo, o social, o familiar, o comunitário, onde aquela obrigação de ser religioso ou estar nessa religião se fragiliza (mais nas cidades do que no campo) e abre um espaço para o direito individual de fazer-se religioso e escolher sua própria confessionalidade e o modo de vivê-la. A segunda é que o mundo das religiões tem sofrido uma transformação

e uma oportunidade para o diálogo e diversidade. A hegemonia católica, por exemplo, tem se aberto a esse mundo multiconfessional, onde as concorrências e o diálogo caminham muito próximos.

Há muito tempo, devido à modernidade, foi dito que a religião tinha chegado ao fim, mas olhando ao redor é possível ver que ela está por toda a parte, muito viva e convivendo com as ciências e ideologias sem “perder o seu terreno”. Ela se transforma, se reforma e assim supera as dificuldades que vêm sobre ela. Contudo apesar de tantas mudanças e aberturas Brandão afirma:

Todo o tempo estive aqui falando sobre a dinâmica e a renovação do cenário religioso e espiritual entre nós, e agora pareço concluir que ele continua a ser bastante “conservador”. Mas é que é assim mesmo. Todas as mudanças acontecidas nestes últimos cinquenta anos, e principalmente nos últimos trinta anos, são reais e estão aí: na vida, no coração de nossas culturas e na raiz do presente de nossa história. O catolicismo se renovou muito em muitos sentidos: o mundo cristão não-católico também; e assim ocorreu, vimos, em outros campos e setores de outras religiões, de novas espiritualidades não necessariamente religiosas, de outros vários sistemas de sentido e de orientação da vida. Há muito mais diferenças, alternativas, alianças e concorrências, diálogos e conflitos. Mas a estrutura nuclear do campo religioso entre nós não mudou muito, embora dentro dela tudo tenha se modificado tanto. (BRANDÃO, 2005, p. 55-56)

Entendemos que o momento pelo qual as nossas religiões tem passado é de um caráter globalizado. Onde a globalização atuando sobre os sistemas simbólicos não os faz mais donos de seus próprios símbolos e assim, o que antes era sagrado e delimitado dentro de um único confim agora pode circular livremente e ser utilizado por outra figura religiosa. Esse terreno plural, que é onde reside à fé do povo latino-americano se deparou e continua se deparando com dois caminhos a serem tomados: O primeiro é, diante dessa mestiçagem de fé, crenças e sistemas simbólicos, tentar remarcar os limites e identidades particulares de cada religião ou abrir-se ao encontro com um horizonte de alteridade e diálogo.

Numa sociedade ou realidade plural, não se pode escapar da tarefa de reinventar a tradição e redefinir a identidade. Assim, *as identidades religiosas são permanentemente provocadas a se declarar, a entrar em contato e se enriquecer com o diferente.* (TEIXEIRA, 2008,

p. 70) Esse abrir-se e essa resignificação da tradição não envolve o abandono de um sistema simbólico. Muito pelo contrário, isso quer dizer uma transformação que leve as tradições religiosas à reinterpretação criativa e uma adequação à situação contemporânea. Dessa forma, com esta perspectiva as tradições são impulsionadas a tomar um dos caminhos citados acima.

O primeiro que seria a tentativa de remarcar os limites e identidades envolve a recusa de um engajamento discursivo e isso em muitos casos, pra não dizer todos, implica na utilização e na assunção de um fundamentalismo que, consiste na defesa da tradição utilizando de métodos antigos e conhecidos. Por outro lado, o segundo caminho envolvendo a alteridade e o diálogo, apesar de ser o que indicamos, é um dos desafios mais fundamentais da humanidade.

Esse exercício de dialogicidade envolve a “conversão” inter-religiosa, que se apresenta como uma realidade possível e fundamental para o momento em que vivemos.

Quando realmente autêntica, uma conversão exige abertura à mútua transformação. Exige ainda a capacidade de reconhecer “semelhanças na diferença”. Entrar em conversão é estar disposto a “arriscar toda a sua autocompreensão atual e levar a sério as posições do outro que reclama para si igual reconhecimento de autenticidade e verdade em sua autocompreensão”. (TEIXEIRA, 2008, p. 70)

Uma barreira forte que impede o diálogo inter-religioso é o sentimento e a sensação de predomínio sobre o outro, ou a competição desenfreada que destrói a sua singularidade, porque toda a competição sufoca a possibilidade de amor. O amor implica a gratuidade. Sem essa gratuita aceitação do outro e do envolvimento dele no espaço aberto do amor, o diálogo jamais irá acontecer.

Num espaço plural, gerado pela modernidade fica extremamente difícil manter uma única interpretação como certa e incontestável. Na nossa realidade *todas as interpretações perdem a garantia de sua exclusividade e tornam-se hipóteses dentro de um quadro mais amplo de possibilidades*. (TEIXEIRA, 2008, p. 71) Isso provoca em nós indivíduos e em nossas comunidades insegurança e temor, porque para algumas pessoas, não poder se firmar em interpretações inquestionáveis, se torna uma grande dificuldade e o pluralismo se apresenta como uma

ameaça. Para se firmar, algumas pessoas abrigam-se dentro do fundamentalismo, utilizando dele como uma forma de firmar suas vidas.

Todo o fundamentalismo tem uma potencialidade de violência em si. Na sua base se encontra a incapacidade da comunicação e a recusa total de qualquer tipo de oportunidade dialogal. No Brasil, apesar de ter um cenário religioso tão plural, diversos casos de intolerância religiosa continuam sendo presenciados⁴. Nós entendemos que esse processo de aproximação e diálogo, ao mesmo tempo em que proporciona uma oportunidade de crescimento, conhecimento do outro e uma reinterpretação de si para as tradições religiosas, também pode gerar situações nas quais tal aproximação se desfaz e isso gera uma probabilidade do retorno aos conflitos existentes. (RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 32)

Ao olharmos a situação de conflito presente em nosso território religioso conseguimos perceber o caráter ambíguo presente nas religiões que ao mesmo tempo em que geram e fortalecem as intolerâncias de umas com as outras, também muitas conseguem enxergar as necessidades de superar antagonismos e a tolerância. (RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 32)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo em que vivemos está nos apresentando sinais que nos revelam um novo horizonte. Não podemos mais enxergar o campo religioso do Brasil e da América Latina da mesma forma. Não podemos pensar, ou fantasiar, dentro de nossa cabeça que um único sistema simbólico é ou será a luz do mundo. O que antes era tido como o absoluto se desfaz hoje diante das necessidades pelas quais o ser humano passa. Os dados do IBGE que apresentamos no decorrer deste artigo, apesar de todo o trabalho dos avaliadores levar a maior precisão possível, é incapaz de refletir realmente qual o sistema religioso que o indivíduo entrevistado faz parte. Talvez nenhuma avaliação consiga.

A realidade religiosa se pluralizou, se transformou. Uma religião não é mais algo como antigamente que se levava para toda a vida,

⁴ Para um pouco mais de informação sobre a discriminação religiosa no país, recomendando as informações divulgadas pelo Ministério da Cultura no site: <http://www.palmares.gov.br/2011/06/pesquisa-mapeia-casos-de-intolerancia-religiosa-ocorridos-no-brasil/>

em muitos casos da atualidade, ela é apenas uma resposta para um problema atual da vida de alguém e assim o indivíduo segue o sistema simbólico que o momento de sua vida pede, e nós temos de reconhecer, a vida é feita de momentos.

Se entendermos que os absolutos acabaram, que os domínios ou impérios da fé estão ruindo, podemos perceber que as necessidades do povo têm falado mais alto. Um único sistema de símbolo, uma única verdade não tem apresentado as mesmas satisfações que antes. Estamos diante de uma pluralidade de absolutos. Os deuses se fortalecem ou o Deus que antes pertencia a um único povo está revindicando sua real identidade, a plural, isso é algo que ainda não podemos dar certeza. Compreendendo essa dimensão ou dimensões que se entrelaçam e se religam, percebemos que estamos mais próximos uns dos outros e umas das outras, e que a nossa compreensão de sagrado precisa se transformar.

Os sistemas, ainda vigentes, e discursos dominadores precisam de vez dar lugar às palavras que reescrevam a história dos relacionamentos religiosos proporcionando uma nova missão para os fiéis de todos os segmentos religiosos e para os de nenhum. Pela realidade somos todos(as) convocados(as) a recriar o nosso mundo pelo mesmo objetivo, o de sacralizar o momento em que vivemos. Precisamos promover a vida, porque é nela que tudo acontece: o(s) Deus(s), as religiões, as fés e etc.

Todos os povos e a terra inteira estamos ligados, de sorte que juntos é que devemos encarar nossa comum visão de salvar a vida(...) Uma nova comunidade de alcance mundial está em processo de formação, o que exige o cultivo de um diálogo(...) inter-religioso em meio à busca por uma vida sustentável para todos(as). (ARAGÃO, 2010, p. 64-65)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 9. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

ARAGÃO. Aragão de Souza. *Transdisciplinar e transreligioso: em busca de uma abordagem integral para o diálogo entre religiões*. In: Religiões populares e multiculturalismo: intolerâncias, diálogos, interpretações. (Org.) MARQUES. Luiz Carlos Luz. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 64-65.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.

BINGEMER, Maria Clara L. *Alteridade e vulnerabilidade: Experiência de deus e pluralismo religioso no moderno em crise*. São Paulo: Loyola, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues & PESSOA, Jadir de Moraes. *Os Rostos de Deus do Outro*. São Paulo-SP, Loyola, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Religioso 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1>. Acesso em: 11 de Setembro de 2012

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512819-o-campo-religioso-brasileiro-na-ciranda-dos-dados>> Acesso em: 11 de setembro de 2012

MARQUES. Luiz Carlos Luz. (Org.) *Religiões populares e multiculturalismo: intolerâncias, diálogos, interpretações*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2. ed. São Bernardo do Campo: UESP, 2008.

MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Org.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.

O GLOBO. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>>. Acesso em 11 de setembro de 2012

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A teologia das religiões em foco: um guia para os visionários*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA. Faustino. *O fundamentalismo em tempos de pluralismo religioso*. In: O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural. MOREIRA, Alberto da Silva; São Paulo: Paulinas, 2008.